

**“O SAMBA É O MEU KILOMBO”: TRAMAS DE IDENTIDADE,
SOLIDARIEDADE E EDUCAÇÃO
EM RODAS DE SAMBA DE SALVADOR**

Rosa Barbara Pinheiro¹
Lívia Alessandra Fialho da Costa²

Resumo: Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa sobre dinâmicas de rodas de samba em Salvador. Pensadas enquanto movimentos sociais de resistência, capazes de promover solidariedade e educação, tal como os quilombos, as rodas de samba constroem mobilização popular, se apropriam do espaço urbano e participam da sociedade nas suas dimensões artísticas, culturais e políticas. Tomou-se como perspectiva empírica a observação de quatro movimentos de samba de Salvador que promovem rodas de samba e ações de solidariedade junto a outros coletivos. A pesquisa, de cunho etnográfico, mostra que para além da música, da ludicidade e da festa, implicadas nestes encontros, há saberes que se organizam e são construídos, produzindo cidadania coletiva através de um modelo específico de solidariedade permeado pelo samba e por ações em prol de comunidades e instituições.

Palavras-chave: Educação. Samba. Identidade. Solidariedade. Cidadania.

INTRODUÇÃO

Este artigo, intitulado “O Samba é o meu *Kilombo*”, parte de uma experiência de pesquisa motivada pela participação ativa da autora no mundo do samba.³ O interesse da pesquisa foi direcionado para a análise de como movimentos de samba constroem sua mobilização popular, como se apropriam do espaço urbano e como participam da sociedade. Para tanto, toma como perspectiva empírica a análise de 04 movimentos de samba que promovem rodas de samba em espaço urbano, na cidade de Salvador. Tais Rodas de samba são caracterizadas pela heterogeneidade social, múltiplas identidades, que convivem e se sobrepõem. Assim, buscamos identificar e compreender, a partir de algumas ações de solidariedade desenvolvidas por grupos de samba, processos

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) UFBA
rosa.barbara.pinheiro@hotmail.com

² Professora Titular do Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) fialho2021@gmail.com

³ Dissertação de Mestrado - “O samba é meu Kilombo”: Tramas de Identidade, Solidariedade e Educação em Rodas de Samba de Salvador. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC), UNEB, 2019.

educativos que acontecem nos encontros de rodas de samba. A partir do estudo dos quatro grupos, procuramos demonstrar que para além da música, da ludicidade e da festa, implicadas nestes encontros, há saberes que se organizam e são construídos por estes movimentos. A compreensão das “solidariedades” nos ajuda a analisar como a dinâmica de sociabilidade destes grupos contribui para a (re)afirmação das identidades dos seus participantes, em investimentos que envolvem negociação de suas posições e acionamento de representações que vão se construindo a partir de questões sociais, culturais e políticas que emergem das suas ações.

Uma questão que motivou a pesquisa foi a de saber se a participação em rodas de samba produz uma cidadania coletiva através desse modelo específico de solidariedade permeada pelo samba e por ações em prol de comunidades e instituições. Buscamos perceber ainda em que medida o envolvimento com o samba altera a maneira dos participantes relacionarem-se com temas cotidianos como desigualdade e exclusão. Ao longo do tempo, pelo convívio entre os membros das rodas de samba, os circuitos fundam uma espécie de arranjo e laços de pertencimento que englobam os participantes, ao passo em que ativam uma identidade forjada nas cumplicidades que vão definindo o grupo.

As situações de aprendizagem, dentro das rodas de samba, se realizam por meio da música e das práticas sociais que se manifestam pela frequência de contatos, pela linguagem e outras trocas que ocorrem durante as reuniões e eventos.

Tanto o campo da Música quanto o da Educação constituem-se em práticas. A reflexão sobre as práticas provoca o conhecimento sobre as outras dimensões envolvidas em cada um dos campos, quais sejam os aspectos históricos, sociais, econômicos, políticos, culturais, religiosos, seus impactos e o poder de transformação proveniente da partilha de conhecimentos e formação dos atores sociais. A interdisciplinaridade possibilita aproximações entre as disciplinas entre si, e é neste sentido que os conteúdos interagem como forma de ampliação e interação entre conhecimentos, promovendo recursos inovadores para processos de aprendizagem numa sociedade complexa, multi e pluricultural. (COSTA e SOUZA, 2017, p.11).

A pesquisa encontrou amparo ainda na experiência pessoal do trabalho com produção cultural do “Espaço Cultural Descida do Kilombo”, uma casa de samba, existente em Salvador desde 2011, organizada pela autora, localizada em Cajazeiras 10. Mesmo correndo o risco de ser um objeto/tema muito “familiar”, no sentido empregado por Gilberto Velho (VELHO, 1978), o desejo e a necessidade de tornar o samba um

objeto de pesquisa, distante, “exótico”, me conduziu para o mundo dos conceitos, da reflexão. Nesta viagem, cheia de enredos, emoções e re-visitas à minha própria história de vida, desloquei o meu olhar para as rodas de samba pensadas enquanto movimentos sociais de resistência, capazes de promover solidariedade e educação, tal como os quilombos.

As rodas de *samba* são vistas neste trabalho como expressões de *Kilombo*, escrito sem o aportuguesamento e fazendo referência aos quilombos do Brasil, os quais foram movimentos de resistência sociocultural tal qual as rodas de samba são, desde as suas bases de formação até os dias de hoje. Desde os primórdios das rodas de samba e da marca das suas raízes, o samba é uma identificação cultural, uma possibilidade de promover Educação. O caráter educativo do Samba aproxima-se da mesma perspectiva dos processos educativos nos Movimentos Sociais, onde a cidadania coletiva (SANTOS, 2000) faz um levante contra o abandono dos objetivos sociais e da noção de solidariedade, num trabalho atento contra a tirania do dinheiro, elevando a cultura do cotidiano de excluídos por meio da exaltação da vida de todos os dias.

1. NAS RODAS DESAMBA E DA VIDA

Em Salvador existem várias casas e bares onde ocorrem os encontros de sambas, sem falar dos inúmeros shows ou apresentações do gênero que acontecem quase que semanalmente. Muitos desses espaços trazem atrações do cenário nacional do samba, grupos e artistas do Rio de Janeiro e São Paulo. Mas existem, também, e crescendo em proporção, eventos de rodas de samba que acontecem nas ruas ou em espaços com entrada franca ou com entrada trocada por algum alimento ou objeto que se transforma em doação, cada roda acontece de acordo com as regras e as condições estabelecidas pelos seus participantes mas sem contrariar a tradição.

Embora um ritual, com suas práticas consagradas pelo uso, cada roda de samba é única e irrepetível. Semanalmente, dezenas delas ocorrem no Rio de Janeiro e em outras cidades brasileiras, obedecendo a uma estrutura-padrão, com regras e modelos sempre muito claros para seus participantes. Como em qualquer ritual, a roda preserva e atualiza o que está em sua origem. Nela, o que é tradição dialoga com o presente no curso da história. Tudo ocorre a partir das condições materiais possíveis, mas é imprescindível que os fundamentos sejam respeitados. (MOURA, 2004, p.29).

As rodas de samba de Salvador são bem heterogêneas e muitos projetos têm se engajado em causas sociais, gerando ações de solidariedade desenvolvidas e que não

eram comuns na “cultura do samba” anteriormente. Daí a maior motivação deste trabalho. Tal qual disse Roberto Moura (2004), por mais contraditório que pareça, a imersão na academia ao invés de afastar as minhas raízes oriundas da tradição oral e da cultura popular acabou por me restituir como significados primordiais, desde que ingressei no mundo acadêmico fui percebendo a existência deste universo muito vasto a ser pesquisado no que diz respeito aos valores desenvolvidos dentro do “mundo do samba”, trocas culturais e transmissão de saberes com base numa sociabilidade moldada pelos encontros das rodas de samba acentuando a sua característica perceptível de ser doméstica e familiar, partindo da familiaridade e do caráter plural da roda que é anterior ao samba, ressaltando o quanto ela é mais “casa” do que “rua”, seguindo a terminologia de Roberto da Matta. A roda é um elemento familiar e fundamental da cultura brasileira, capaz de promover cultura e lazer, preservar e divulgar o gênero musical que mais identifica o nosso país.

Quando digo então que “casa” e “rua” são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas, dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas. (Da Matta, 1997, p.15)

As rodas de samba provocam relações sociais além do prazer momentâneo da dança e do cantar que acompanham todo o ritual e, tais relações são fortalecidas nos encontros que se estendem pelo cotidiano. A amizade e as relações de vizinhança são fatores aglutinadores para a existência desses grupos e dos locais nos quais se apresentam, esses grupos unidos em torno dessas manifestações, apresentam como elemento comum o estudo, a valorização e a transmissão da memória do samba enquanto manifestação cultural, produzida de forma coletiva, envolvendo a ancestralidade, a oralidade e a solidariedade. Esta realidade tornou-se, assim, um rico campo de pesquisa no campo da educação, por voltar-se para a compreensão dos saberes e objetivos comunitários relevantes de serem observados dentro de uma perspectiva educacional.

Amante do samba que sou, passei a me interessar pelo universo das rodas de samba como possibilidade de estudo, observando as ações de **solidariedade** realizadas por estes movimentos, ações sociais de caráter formal que acontecem de forma

permanente ou esporádica. A partir desta perspectiva, esta pesquisa foi realizada focando rodas de samba de Salvador na contemporaneidade que realizam tais ações, são elas: o Movimento Seja Também um Sambista, conhecido como Samba do Leite, o Samba de Mesa do Gogó, o Grupo Botequim e a Galera do Simbora.

O estudo destes movimentos contribuiu para a compreensão de saberes e práticas referentes ao samba, os quais constituem um processo educativo. Esta pesquisa tem o objetivo de analisar os processos que perpassam as rodas de samba, tendo tais encontros como *lócus* educativo das classes populares. Entre outros aspectos, as rodas de samba atuam como produtoras de conhecimentos e prática interdisciplinar, processos de socialização, produzindo atividades de importância pedagógica.

A valorização da diversidade vivenciada nos espaços de samba possibilita o questionamento do processo uniformizador de identidades, o reconhecimento do outro e da formação social e cultural de cada um, o reconhecimento das diferenças sem receio ou preconceito, contribuindo para a reflexão e desconstrução das histórias contadas que legitimaram a exploração, a exterminação e a exclusão, um caminho para a superação da discriminação, o resgate da autoestima e (re)afirmação da identidade étnico-cultural dos seus indivíduos, afinal, uma representação positiva de um grupo tem papel fundamental para a construção de sua identidade.

2. O SAMBA NÃO É O PROBLEMA: uma etnografia dos grupos.

A pesquisa foi realizada em Salvador entre 2018 e 2019. Centrou-se na observação e análise de quatro grupos de samba, que têm diferentes histórias e tempo de formação. São grupos eminentemente masculinos, com diferentes formas de participação de mulheres em cada um deles. A escolha dos grupos esteve relacionada ao fato de serem grupos identificados por realizarem “ações solidárias” na cidade. O método utilizado foi a Etnografia, um método de pesquisa fundado pela Antropologia no caminho das descrições densas de culturas observadas. Para a pesquisa em Educação, interessa a etnografia na sua capacidade de descrever o processo educativo. O objeto da etnografia, nesta pesquisa, foi o estudo das ações de solidariedade realizadas por rodas de samba de samba realizadas no espaço urbano de Salvador, foi analisar como estas ações são pensadas e articuladas, como seus organizadores se posicionam e como são

motivados e motivam pessoas a participar deste processo. Os dados foram coletados a partir de observações diretas e conversas informais com frequentadores, músicos e organizadores durante os encontros de samba; também foram feitas entrevistas com responsáveis por instituições ou pessoas beneficiadas com as ações de cada movimento. Foram observados e analisados eventos que são organizados de forma **permanente** e também os que acontecem **esporadicamente**, levando em consideração a necessidade de investigar apenas movimentos que desenvolvam as ações formais de solidariedade. Para cada tipo de ação foram observados dois movimentos de samba que realizam ações formais de solidariedade de caráter permanente e dois movimentos de samba que realizam ações de solidariedade de forma esporádica. Foram consideradas ações formais de solidariedade de caráter permanente aquelas que são realizadas com regularidade e que mantenham a expectativa de continuidade e foram consideradas ações formais de solidariedade de caráter esporádico todas as que não acontecem regularmente, eventos com o objetivo de ajudar-se mutuamente ou em prol de algo ou alguém específico, assim, perceber as aproximações, distanciamentos e entrecruzamentos que ocorrem dentro desses movimentos.

O primeiro movimento que foi analisado é o mais antigo desses agrupamentos em atividade. Antigo dentro desta perspectiva que entendemos ser um movimento sociocultural mais amplo, com memória, identidade e práticas calcadas nas rodas de samba, e também voltado para as ações de solidariedade: *O Movimento Seja Também um Sambista*, criado em março de 2004, de acordo com release e entrevista cedidos pelo fundador.

Este movimento de samba acontece de forma permanente, com perspectiva de continuidade e regularidade, nasceu no bairro da Liberdade e se expandiu para outros bairros, atualmente realiza encontros regulares com ações de solidariedade durante todo o ano, em diversos locais, começou com ações de caráter esporádico e tornou-se um movimento realizado regularmente, ao menos uma vez por mês acontece um evento que arrecada leite em pó e às vezes outros tipos de alimentos para instituições carentes.

A partir dos pedidos e sugestões das próprias instituições beneficiadas houve a mudança de alimentos perecíveis para o leite em pó, primeiramente devido ao leite servir para todos como alimento suplementar e também por auxiliar na ingestão dos

medicamentos. Assim, o movimento “Seja Também um Sambista” passou a ser conhecido como “Samba do Leite”. Para os integrantes a mudança no tipo de proposta de arrecadação, agora apenas o leite em pó como doação, colaborou na dinamização do trabalho do grupo, vez que o processo de logística da separação e contagem dos vários tipos de alimentos, embora feito com satisfação, constituía muito mais trabalho para o fundador e para alguns dos integrantes do movimento.

O segundo grupo a ser analisado segue a mesma caracterização de realizar ações permanentes, o grupo Samba de Mesa no Gogó, o qual também realiza eventos coletivos com objetivos comunitários e perspectiva de continuidade e regularidade, começou também de forma esporádica e tornou-se permanente, inclusive, permanente também no local de realização. As rodas de samba deste movimento acontecem na rua, em frente a uma praça com localização próxima ao final de linha da Fazenda Garcia, montada na frente de um bar, sempre na última quarta feira de cada mês podendo ser adiada ou antecipada dependendo de alguma data específica ou algum feriado. Há forte participação de mulheres na organização dos eventos, elas contribuem fazendo a decoração da mesa, distribuindo algum alimento que elas fazem para os músicos que costumam vir direto do trabalho, não há nenhuma mulher tocando ou cantando no grupo, porém, vocalistas são convidadas em datas especiais. O *Samba no Gogó*, segundo release cedido pelo grupo, foi fundado em 16 de dezembro de 2012, se encontrou e começou a realizar os eventos, reunindo centenas de pessoas, sambistas e muitos admiradores do samba, os eventos foram crescendo e trazendo benefícios ao bairro, gerando renda para vendedores ambulantes do local, promovendo um movimento cultural para os moradores, homenageando e (re)significando datas, exaltando e divulgando o trabalho de compositores e intérpretes baianos e nacionais, desenvolvendo ações sociais no bairro e realizando eventos culturais.

O Samba no Gogó também participa, há quatro anos consecutivos, do movimento carnavalesco que ocorre há décadas no bairro, sempre na segunda-feira do carnaval, a tradicional Mudança do Garcia. Este movimento foi criado pelo então vereador Herbert de Castro que, em protesto pela falta de água, pavimentação e luz no bairro, resolveu levar o descaso do governo para as ruas principais de Salvador durante o carnaval. Em carroças e a pé, os participantes e foliões da “Mudança” levam vários

pertences, incluindo mobílias, painéis, roupas e muitos cartazes satirizando os políticos locais e nacionais, saindo do Largo do Garcia vão até o Campo Grande e fazem sempre questão de desfilar pelo camarote oficial da festa, mesmo sabendo que não são nada bem vindos neste local pelos prefeitos e outros políticos eleitos, por conta dos cartazes com frases de crítica e denúncia por todos os lados e também por abrigar dentro do movimento grupos fazendo diversos tipos de manifestações, tais como: professores, servidores públicos de diversas áreas, representações sindicais, coletivos, associações culturais e outros. O Samba no Gogó através dos entrevistados revela que para eles participar deste evento significa estar além da arrecadação de alimentos, significa fazer ação social participando da denúncia do descaso político para com a comunidade, reivindicando da sua maneira, através do samba. O *Samba de Mesa no Gogó* tal qual o *Movimento Seja também um Sambista* tem um registro, com CNPJ, diretoria, tesoureiro, conselho deliberativo e fiscal, formalização exigida para participar da concorrência em editais e também de apresentações apoiadas pelo governo. As ações solidárias começaram com um objetivo específico, um dos músicos que costumava fazer parte da roda de samba, Bruno Sousa, recebeu o diagnóstico de leucemia e acabou falecendo, mas durante o período de tratamento o grupo fez ações para contribuir com a sua recuperação. As doações são entregues nas instituições mediante contato prévio e através de sugestões dos integrantes do movimento, com registros de fotos e vídeos durante as entregas.

O terceiro é o *Grupo Botequim*, formado há 12 anos, em Salvador, realiza ações solidárias de caráter esporádico, sem regularidade, mas com determinada continuidade. Há a participação de mulheres no grupo tanto na organização dos eventos quanto tocando durante as rodas. De acordo com entrevista com um dos fundadores, o grupo nasceu a partir da união de paulistas e baianos preocupados em preservar os elementos importantes do samba, principalmente a roda de samba.

O Grupo Botequim é também um movimento sociocultural, mas com ações diferentes dos demais tratados nesta pesquisa: realiza ações de cunho social que não envolvem doações de alimentos ou outros materiais, fazem da roda de samba também um espaço de formação de cultura política. O grupo além de promover a preservação da memória do samba, busca ainda denunciar dificuldades enfrentadas pela sociedade e

contribuir para que essas denúncias cheguem aos órgãos responsáveis, através de iniciativas realizadas juntamente com a comunidade.

O último foi o Grupo *Galera do Simbora*, mais um movimento que realiza ações de caráter esporádico, mas com determinada continuidade. Este grupo se diferencia dos demais, chama a atenção por não ser exatamente um grupo de samba composto por músicos e sambistas: o grupo foi criado a partir da união de amigos que frequentam as rodas de samba da cidade e através desta união nasceram diversas atividades de cunho sociocultural. Há a participação de mulheres no grupo em todas as organizações dos eventos mas estas não costumam tocar nenhum instrumento, a proposta do Samba Solidário nasceu de uma motivação de um integrante do grupo, o mesmo já havia feito aniversário trocando o costume de receber presentes pessoais dos convidados por receber doações de alimentos e roupas para reverter para instituições carentes. Reuniram uma comissão e com o apoio de todos foi realizado o primeiro evento solidário, produzido por pessoas voluntárias, tanto os músicos quanto os organizadores e também as atrações convidadas, a entrada é permitida mediante a doação de um ou dois quilos de alimento não perecível, os eventos são sucessos de arrecadação, acontecem no espaço Chuleta por conta da parceria entre o responsável do local com o grupo, o espaço é disponibilizado para o evento e ele vende as bebidas e petiscos para custear a manutenção.

A Galera do Simbora não é um grupo formalizado como associação, não tem registro, nem CNPJ, não há perspectiva de ter um presidente, nem algum dono, nada com este entendimento, não é permitido também a comercialização de produtos dentro do grupo e nem a comercialização de produtos com a marca do grupo. Atualmente há um tipo de calendário anual, composto por eventos para os integrantes do grupo e eventos que o grupo promove para o público em geral.

3. SAMBANDO COM OS CONCEITOS

Como dito anteriormente, *Kilombo* (aportuguesado quilombo) é o termo que faz relação com o objetivo principal deste trabalho: analisar as rodas de samba de Salvador como movimentos sociais de resistência, solidariedade e educação, tal como os

quilombos. Segundo o antropólogo africano, nascido no Zaire e professor doutor da Universidade de São Paulo, Kabengele Munanga:

O quilombo é seguramente uma palavra originária dos povos de línguas bantu (kilombo, aportuguesado: quilombo). Sua presença e seu significado no Brasil têm a ver com alguns ramos desses povos bantu cujos membros foram trazidos e escravizados nesta terra. Trata-se dos grupos lunda, ovimbundu, mbundu, kongo, imbangala, etc., cujos territórios se dividem entre Angola e Zaire. (MUNANGA, 1995/1996, p.57-63).

Há diversos significados para a palavra quilombo, uma polissemia que possibilita vários entendimentos do termo, tais como elemento de resistência política e cultural, estratégia de enfrentamento da população africana no Brasil à opressão do colonizador, espaço de expressão de crenças e práticas dos escravos refugiados e símbolo de luta da população negra no Brasil não só no período escravagista quanto no período atual.

Ilka Boaventura Leite (2000) diz que o termo quilombo indica uma reação guerreira frente a uma situação opressiva. Ney Lopes (apud LEITE, 2000), afirma que essa terminologia vem sendo sistematicamente usada desde o período colonial, sendo um conceito próprio dos africanos bantos que tem o significado de “acampamento guerreiro na floresta”, entendido ainda em Angola como “divisão administrativa”. O quilombo pode ser visto também como uma forma de revolta, de acordo com João José Reis (1995), esta formação de grupos de escravos fugitivos se deu em todo território do Novo Mundo e no Brasil receberam o nome de quilombo ou mocambos, estes lugares conseguiram reunir centenas e até milhares de pessoas, um dos quilombos mais conhecidos em nosso país é o quilombo dos Palmares, devido ao seu tamanho e repercussão histórica. No que diz respeito à utilização do termo “quilombos” no Brasil, o que podemos afirmar é que essa palavra foi utilizada de diversas formas, podendo estar associada a um lugar, a um povo, a manifestações populares ou até mesmo a um local onde se realizavam práticas condenadas pela sociedade (LEITE, 2000).

O quilombo foi, incontestavelmente, a unidade básica de resistência do escravo. Pequeno ou grande, estável ou de vida precária, em qualquer região em que existia a escravidão, lá se encontrava ele como elemento de desgaste do regime servil. O fenômeno não era atomizado, circunscrito a determinada área geográfica, como a dizer que somente em determinados locais, por circunstâncias mesológicas favoráveis, ele podia afirmar-se. Não. O quilombo aparecia onde quer que a escravidão surgisse. (MOURA, 1981, p. 87).

Os quilombos e suas formas de resistência às opressões questionam a ideia de que os escravos estavam conformados com a exploração e desumanização que viviam nas fazendas e senzalas, demonstram sua força e organização, uma alternativa para viver a liberdade cotidiana, trabalhar para a sua subsistência não sendo mais uma ferramenta de trabalho, mas, como membro de um grupo, uma comunidade com suas práticas e crenças comungando de ideais de solidariedade, pertencimento e valorização da sua subjetividade. Nesta perspectiva, esta pesquisa perseguiu o objetivo de analisar as rodas de samba de Salvador como um grupo social também de resistência, com manifestações culturais e práticas educacionais de desenvolvimento da cidadania, resoluções de conflitos coletivos, solidariedade, pertencimento e valorização da sua subjetividade. O samba e os quilombos são símbolos de resistência e continuidade como nos diz Muniz Sodré:

Nos quilombos, nos engenhos, nas plantações, nas cidades, havia samba onde estava o negro, como uma inequívoca demonstração de resistência ao imperativo social (escravagista) de redução do corpo do negro a uma máquina produtiva e como uma afirmação de continuidade do universo cultural africano. (SODRÉ, 1998, p. 12)

As rodas de samba são movimentos sociais que por meio de discursos e práticas se organizam em torno de um projeto de vida e de sociedade, promovendo em seus participantes o sentimento de pertencimento social, os quais se sentem incluídos em um grupo ativo, com objetivos e ações que possuem certa permanência e continuidade. Estes encontros, que podemos chamar de “socioculturais”, possuem aspectos educativos, cronologicamente graduais e hierarquicamente estruturados, agrupamentos culturais que se voltam para a prática da roda de samba, de modo comunitário e em espaços organizados de forma coletiva para este fim.

Quando em alguma parte setores populares da população começam a descobrir formas novas de luta e resistência, eles redescobrem também “velhas e novas formas de “atualizar” o seu saber, de torná-lo orgânico. Criam por sua conta e risco, ou com a ajuda de agentes-educadores eruditos, outras formas de associação, como os sindicatos, os movimentos populares, as associações de moradores. Estes grupos, que geram outros tipos de mestres entre as pessoas do povo, geram também outras situações vivas de aprendizagem popular. Eu não tenho dúvidas em afirmar que é entre as formas novas de participação popular, nas brechas da luta política, que, hoje em dia, surgem as experiências mais inovadoras de educação no Brasil. (BRANDÃO, 1981, p.47)

A participação dos indivíduos nos movimentos das rodas de samba de Salvador gera atitudes de cooperação, integração e comprometimento com as decisões,

colaborando com a formação de cidadãos voltados para o interesse coletivo e para questões políticas que ultrapassam a mera questão da escolha de governantes. Pode-se dizer que esta expressão funciona, em larga medida, como palco com agentes que atuam contra o processo perverso do globalitarismo. Assim, estudar estas atuações permite também estudar categorias como território, cultura local e herdada, cultura erudita e cultura popular – o termo cultura entendido, aqui, de forma polissêmica. Aqui se faz necessário destacar seu uso no campo da educação e compreender a cultura enquanto espaço de relações de poder, culturas diferentes que revelam diferentes relações de prestígio e legitimação, reconhecer a cultura popular como uma insurgência da nação “passiva” que se levanta contra o abandono dos objetivos sociais e da noção de solidariedade, contra a tirania do dinheiro e da informação, num movimento de revanche desta cultura que põe “em relevo o cotidiano dos pobres, das minorias, dos excluídos, por meio da exaltação da vida de todos os dias” (SANTOS, 2000, p. 70).

4. MOVIMENTOS SOCIAIS DO SAMBA

Os movimentos de samba aqui estudados podem ser entendidos como movimentos sociais, pois os movimentos sociais são ações sociais coletivas de caráter sócio-político e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas (GOHN, 2008). As ações podem ser diretas praticando a denúncia por meio das redes sociais, das marchas, passeatas, caminhadas e outras mobilizações e podem ser também ações coletivas geradoras de propostas que atuem contra adversidades enfrentadas por uma comunidade.

As ações destes movimentos de samba são a favor da “cultura do samba”, projetando em seus participantes sentimentos de pertencimento social e conscientização. Não são apenas movidos pelas necessidades da comunidade, mas lutam por uma sociedade democrática e pelos ideais de igualdade e fraternidade, canalizando e potencializando forças por meio de práticas a favor da justiça social e da solidariedade.

Os grupos de samba de Salvador que foram observados nasceram da iniciativa de pessoas com diferentes graus de envolvimento com o samba. As experiências socioculturais de cada uma delas também são extremamente diversas, nestes grupos há alguns poucos músicos que vivem apenas da música, outros que trabalham

exaustivamente em outros ramos e procuram no samba a sua válvula de escape, além dos músicos os organizadores também têm no samba a sua motivação, porém a maioria exerce também outras atividades, além do papel que desempenham dentro do mundo do samba, para as pessoas destes grupos a roda de samba é como um espaço em que se sentem representados, um lugar para dar vazão às suas formas de expressão, ampliar as relações sociais e compartilhar emoções.

Os grupos passam por uma fase de fundação e vão se formando na prática dos encontros, a consolidação dos seus objetivos e ideais acontece dentro das relações com o grupo e através de ações realizadas a partir de situações de dificuldades vividas ou presenciadas na sua comunidade, no entorno ou na sociedade.

As rodas de samba abertas para a comunidade promovem uma infinidade de experiências educacionais, passando pela transmissão da memória musical que permite aos frequentadores interagir com as músicas, a possibilidade de conhecer sambistas reverenciados no repertório dos grupos, a valorização da cultura afro-brasileira como manifestação cultural e a adesão ao samba como uma atividade voluntária e de conscientização, diferente da atividade profissionalizada com ganhos financeiros, permitindo maior liberdade e autonomia na expressão musical e posturas de enfrentamento e crítica às questões atuais. As rodas de samba são constituídas como a atividade central, todos esses agrupamentos observados organizam-se de forma coletiva para realizar as ações, demonstrando um fazer cultural reflexivo, trazendo uma perspectiva de formar uma consciência crítica capaz de questionar a cultura veiculada pelos meios de comunicação e desenvolver uma posição que nasce dessa tomada de consciência, tomando posições ativas mediante a sua cultura e se integrando como produtores desta cultura, tornando-se indivíduos atuantes no meio social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho trouxe à tona elementos que podem contribuir para a leitura das práticas de movimentos sociais e culturais (rodas de samba) sob o ponto de vista de processos educacionais que não se estabelecem como transmissão de pacotes curriculares formais de conhecimentos, mas, como construção de conhecimentos

criadores de concepções de mundo a partir de interações sociais planejadas de modos específicos, ou seja, não-formais.

O argumento que sustentou a pesquisa que origina este artigo foi que as rodas de samba são movimentos sociais de resistência, capazes de promover solidariedade e educação, tal como os quilombos. Com base nos dados coletados, este argumento se confirma. Assim, foi possível compreender a partir de algumas ações de solidariedade desenvolvidas por estes grupos, diversos processos educativos identificados como desdobramento dos encontros das rodas de samba, discursos sobre pertencimento, valorização da memória, a preocupação com o Outro, ideais de solidariedade, cidadania coletiva e mesmo a formação de cultura política.

Muitas mudanças foram presenciadas durante o percurso da pesquisa, alguns grupos foram surgindo e outros foram sumindo do cenário, alguns deixaram de realizar ações solidárias, outros começaram a fazer mais frequentemente, contudo a perspectiva solidária parece ter crescido. Vê-se nos dias atuais que diversos outros grupos estão realizando tais ações.

Com o objetivo de compreender os processos educativos que ocorrem no movimento das rodas de samba, refletimos sobre essas práticas visando aprofundar o seu significado, conceituados como movimentos sociais que além de promover solidariedade e educação também realizam uma prática sociocultural que valoriza o patrimônio simbólico africano renegado oficialmente no processo de modernização brasileira e reconhecido como patrimônio imaterial, o samba. As rodas de samba promovem a continuidade do coletivo negro, sua matriz ancestral africana materializada na contemporaneidade com frequentadores, sambistas e organizadores dessa cultura. Há neste movimento uma profissionalização, mas o mercado não se apoderou totalmente das rodas de samba, apesar de atender às demandas de casas de show e empresários que visam lucrar, ainda conserva importantes características da cultura afro-brasileira, tais como: a organização em rodas, a coletividade, a alegria e o ritual, não exige luxo e por isso pode ser realizada em espaços simples, na rua, nos quintais e nas praças, por vezes sem trazer nenhum lucro para os músicos ou organizadores. Em uma sociedade que preza o consumo, na qual ainda é visível o racismo e a desigualdade, as rodas de samba significam a afirmação da cultura popular.

A cultura produzida nas rodas de samba tem muito a contribuir com a cultura escolar. Sabe-se que os saberes considerados socialmente significativos fazem parte da especificidade do papel da escola, mas isto não deve excluir outros conhecimentos ligados às “culturas populares”: estas devem ser estudadas, registradas e valorizadas, a fim de garantir, para as gerações futuras, conhecimentos relevantes da nossa história, ajudando-nos a forjar nossa identidade. Nos dias atuais, o entrecruzamento da educação e a cultura é vital para promover maior humanização dos jovens e desenvolver competências que possam gerar relações de alteridade com ética, compromisso, cidadania e solidariedade.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- COSTA, Livia Fialho e SOUZA, Elizeu Clementino de. **Editorial da Revista FAEEBA – Música e Educação: uma Relação Interdisciplinar e Pluricultural**. In: Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 26, n. 48, p. 11 jan/abril, 2017.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- LEITE, I. B. 2000. **Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas**. Etnográfica, 4 (2): p. 333-354.
- MOURA, C. **A sociologia posta em questão**. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.
- MOURA, Roberto. **De Salvador para o Rio de Janeiro**. In: **Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.
- Munanga, Kabengele - 1995/1996 - **Origem e histórico do quilombo na África**. Revista de Antropologia da USP, n. 28. São Paulo: USP, páginas 57-63
- MOURA, Roberto Murcia. **No princípio era a roda**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- REIS, João José. **Quilombos e revoltas escravas no Brasil**. Revista USP, São Paulo, v. 28, p. 14-39, 1995.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- VELHO, Gilberto. “Observando o familiar”. In: _____. **Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.